

EDNA PONTELLIER E O ENCONTRO COM A SUBJETIVIDADE EM "O DESPERTAR"

Fabíola F. de Queiroga (UFCG)
Profa. Orientadora Doutoranda Daise Lilian Fonseca Dias (UFCG)

RESUMO:

O objetivo deste trabalho é analisar, sob uma perspectiva feminista, a descoberta do "eu" e da subjetividade de Edna Pontellier no romance *O despertar* (1899) da americana Kate Chopin. Através desta personagem, a autora retrata um dos maiores medos da sociedade vitoriana: a "perda" da afetividade e do cuidado maternos conforme os padrões da sociedade demandavam. As relações de Edna com seus filhos e com os demais membros da sua família e círculo de amigos seguem um caminho incomum para uma mulher oitocentista. Ela reconhece que existia apenas enquanto esposa e mãe, mas ao descobrir a sua subjetividade, e os desejos do próprio "eu," sofre um profundo processo de despertar em diversos aspectos da sua vida, inclusive em relação ao seu papel de mãe.

PALAVRAS-CHAVES: Subjetividade, mulher, filhos.

O romance *O despertar* (1889), da escritora americana Kate Chopin, teve grande importância para fomentar no público leitor oitocentista, uma necessidade e uma busca por uma nova postura tanto da sociedade em geral quanto da mulher leitora comum enxergando-se muitas vezes na pele da protagonista Edna Pontellier. A obra causou na sociedade vitoriana ao levantar questões até então julgadas inapropriadas para a ficção, e obviamente para a sua prática na vida real das mulheres.

O despertar mostra a complexa relação sexo/gênero ao abordar questões envolvendo a personagem feminina, os homens e o poder existente por trás do sobrenome dos chefes de família, dentre outros pontos. É por meio do sobrenome dos homens que primeiramente as mulheres são apresentadas para o leitor, como por exemplo, Sra. Pontellier, Madame Lebrun, Madame Ratignolle, entre outras personagens. Muito raramente as mulheres são chamadas pelo nome próprio, o que implica de certo modo uma supressão da sua identidade à figura masculina. O romance também discute a visão de que a mulher deveria ser ensinada, desde pequena, a servir ao homem, ser boa mãe e fazer as atividades domésticas sem

questionamentos. Para tal análise é válido lembrar que os problemas das mulheres na sociedade americana acabaram influenciando a escrita do romance da Chopin. Como na época as mulheres viviam sob o comando dos maridos, ou pais, estas eram conhecidas pelo sobrenome deles, e no romance não é diferente: o narrador apresenta primeiramente todas as personagens femininas pelo sobrenome do esposo como mencionado acima. Além disso, também mostra que a diferença no modo de vida das sociedades que se encontram no balneário - *creoles* e *não-creoles* - causa certo desconforto entre eles como se pode observar no início do romance em uma das conversas da protagonista:

jamais esqueceria o choque que sentira ao ouvir Madame Ratignolle contar ao velho Monsieur Farival a história angustiante de um de seus *accouchements*, não omitindo qualquer detalhe íntimo. Estava se acostumando a choques assim, mas não conseguia evitar que o rubor lhe subisse às faces (*O despertar*, 2002).

Além deste fato, Edna também sente-se pouco deslocada da sociedade *creole* quando em uma das conversas entre o grupo eles lêem um livro, cujo nome não é, e quando é a vez da protagonista lê-lo, ela sente-se deslocada e prefere fazê-lo sozinha. Esta cena ilustra o destaque que o gênero romanesco teve na vida privada da sociedade americana oitocentista. É importante destacar que o romance enquanto gênero burguês agradava ao público leitor em geral, sobretudo às mulheres, mas ficou conhecido como um gênero problemático porque difundia valores contrários ao patriarcalismo, e à monogamia, por exemplo. Pode-se afirmar que o romance em análise procura discutir a condição da mulher e atribuir a ela o papel de sujeito e não de simples objeto dentro da sociedade em que vive. É com Edna, a personagem central da história, que Chopin procura mostrar as condições de submissão, mas, que ao mesmo tempo, é possível para a personagem encontrar sua própria identidade e levar a sociedade a uma reflexão sobre a condição da mulher no meio em que vive como propõe a crítica feminista.

Ao escrever o romance, Chopin retrata a trajetória de Edna, que vai em busca do conhecimento, de encontrar a si mesma enquanto mulher. Essa busca começa quando a personagem, casada com o Sr. Pontellier e mãe de dois filhos, vai passar o verão em um balneário, o *Grand Isle* - que fica a cinquenta milhas de New Orleans - com a família e os amigos, como era de costume. Porém este verão, para Edna, tem um gosto diferente, pois ela passa a descobrir que não se identifica com a sociedade *creole* em que vivia.

Creole é uma comunidade de origem francesa a qual pertencia seu marido, e todos os membros desta sociedade eram seres de uma felicidade e irreverências natas, mas não a ponto de fazer os rompimentos que Edna viria a protagonizar. Casada, mãe de

dois filhos, Raoul e Etienne, e totalmente submissa a seu esposo, Edna acaba envolvendo-se emocionalmente com Robert. Este é o filho mais velho de Madame Lebrun, a dona dos chalés que hospedavam todas as famílias de New Orleans no balneário, o qual tinha um irmão mais novo, Vitor. Um rapaz sedutor é Robert quem desperta Edna como mulher e a faz acordar para o mundo. A partir de então, ela começa a transitar pela sociedade com Madame Ratignolle, antiga amiga da família, sem sentir vergonha de falar sobre suas experiências de vida, e principalmente com Mademoiselle Reiz, pianista que encanta Edna com suas músicas e, acima de tudo, amiga de Robert, através da qual Edna tem acesso ao próprio Robert, sem despertar suspeitas.

Em contraposição ao sistema patriarcal, *O despertar* trás uma mulher, Edna, que por meio de reflexões e uma tomada de consciência abandona sua postura de mulher recatada às ordens do marido, que vivia para casa e para os filhos e passa a agir por conta própria sem se importar com o que irão falar dela. Contudo, tal descoberta a leva à morte no final do romance. Esse final trágico pode ser entendido como uma punição, por um lado, ou como liberdade por outro, como destaca a escritora Cristina Pinto (1990) no que se refere ao gênero “Bildungsroman”, uma teoria importante para o estudo do romance analisado. Falar do “Bildungsroman” é destacar as transformações pelas quais passa a protagonista desde o início de história até chegar ao final, expondo, de certa forma, o processo de desenvolvimento físico, moral, psicológico, social e/ou político destas. Na maior parte dos romances, quando o protagonista - principalmente se for mulher - alcança seu desenvolvimento pessoal tem um final negativo por ser impossível para a mulher no século XIX desenvolver-se mais plenamente, sobretudo interiormente, e exteriorizar as mudanças advindas desse processo. A consciência dos próprios limites da personagem acabara levando-a a um movimento negativo, ou seja, não lhes restava outra saída a não ser a morte, a loucura ou a alienação, haja vista que a sociedade era hostil à condição de desenvolvimento emocional, intelectual, sexual e profissional da mulher. Em contrapartida, no “Bildungsroman” masculino o personagem em formação, ou seja, em busca de sua subjetividade, geralmente é um homem que mesmo enfrentando alguns problemas para conseguir se realizar, acaba encontrando-se interiormente, e descobre-se dentro da sociedade em que vive. Assim pode-se afirmar que

enquanto o herói do “Bildungsroman” passa por um processo durante o qual se educa, descobre uma vocação e uma filosofia de vida e as realiza, a protagonista feminina que tentasse o mesmo caminho tornava-se uma ameaça ao *status quo*, colocando-se em uma posição marginal. (PINTO, 1990, p. 13)

Isto é o que acontece com a protagonista do romance *O despertar*. Enquanto no “Bildungsroman” feminino a personagem só poderia se desenvolver – crescer interiormente – dentro do lar e da família, como era a educação no final do século XIX, o “Bildungsroman” masculino permitia a representação de um herói que passasse por um “processo durante o qual, se aprende a ser ‘homem’, ou seja, apresenta-se o desenvolvimento de uma personagem masculina” (PINTO, 1990, p. 11).

Assim como o processo de maturidade se tornava longo e árduo e, a busca por um lugar no mundo gerava um conflito entre o eu e a sociedade, entre o individual e o coletivo, no qual a personagem constrói e ao mesmo tempo reflete sobre sua subjetividade: profissão, casamento, formação e mesmo economia. Integrando no seu caráter as experiências pelas quais vai passando, a personagem do romance percebe que a liberdade é imprescindível para sua formação. Desse ponto de vista, o narrador analisa a história destacando de início que a “liberdade de expressão era antes incompreensível para ela, apesar de não ter tido dificuldade de reconciliar-se com a arrogante castidade que nas mulheres *creoles* parecia inata e inconfundível” (*O despertar*, 2002, p.22). Neste momento na narrativa, a personagem era seguidora dos costumes da sociedade em que vivia e tinha uma parcial compreensão sobre si mesma. Ela também não se identificava com o comportamento das mulheres *creoles* e linguagem do grupo por serem totalmente submissas ao sistema patriarcal que dita as relações de gênero, e vê na mulher um ser preparado apenas para o casamento e a maternidade. É neste mundo que percebe-se a predominância da visão masculina, onde a sociedade torna-se castradora da mulher, mostrando a luta de Edna contra as estruturas opressivas e convencionais da linguagem e do pensamento masculino.

Após um jantar na casa de Madame Ratignolle, Edna se deu conta que era totalmente alheia à sociedade *creole* em que estava inserida, e o narrador no decorrer da história destaca que

A pequena amostra de harmonia doméstica que lhe foi oferecida não a fez sentir pena de si mesma ou desejosa daquilo. Era uma condição de vida que não se encaixava nela e não podia vê-la de outra maneira senão como um fastio estorcedor e inútil (*O despertar*, 2002, p. 105).

Tal fato deixa claro que Edna tenta se desvincular do modelo do sistema patriarcalista que via na mulher um estado de escravidão. Como ela não aceitava sua condição de submissão, passou a questionar o papel da mulher dentro da sociedade americana e é vista pelas outras mulheres do romance, e até pelo seu próprio marido, como transgressora dos valores morais da época chegando a ser considerada esquisita pelo Sr. Pontellier uma vez que “abandona suas terças em casa para receber as visitas, abandona os conhecidos e faz as caminhadas sozinha, viajando sem rumo nos bondes,

chegando em casa depois de escurecer”(O despertar, 2002, p. 122). Hábito que Edna havia sido forçada a adquirir e a por em prática durante anos; um costume de mulheres casadas de posse da época.

O romance mostra a trajetória feminina em busca de sentidos apoiada em escolhas e atitudes. No caso de Edna, escolher tornar-se independente da submissão masculina é tomar atitudes que a satisfaçam, enquanto mulher, como por exemplo, “libertar-se” da prisão que era seu casamento sem comprometer a ordem social. Em New Orleans, Edna muda-se do casarão dos Pontellier para uma casa menor na qual pretende viver com o ganho da venda de suas telas – ela descobre sua aptidão para a pintura como forma de independência, emancipação, e possibilidade de sobrevivência financeira -, e passa a transgredir as normas do sistema patriarcal, dando menos atenção a seus filhos, e torna-se intolerante com seu marido chegando a respondê-lo. Há um importante episódio em que a protagonista chega a trancar-se no quarto aos prantos, retira a aliança, atira-a no chão e pisa-lhe com o salto do sapato. No entanto a partir do momento que a empregada apanha a aliança e a entrega a Edna, esta percebe que aquela não sofreu dano e vê que não é possível quebrar o matrimônio tão facilmente. Já naquele momento em que Edna responde ao marido, ela percebe uma inversão de papéis, pois passa a ditar suas próprias regras, o que é papel do homem, e seu esposo, mesmo sem gostar da atitude de Edna a escuta e, no lugar de revidar, pega o vinho, o cigarro e senta-se na varanda para conversar com ela. Observa-se gradativamente que o “tema desse romance é o descontentamento e a revolta de uma mulher que se recusa a pagar o preço que o matrimônio e o papel de mãe demandam” (CAREY, 1998, p. 11; minha tradução livre).

Como tinha que trabalhar na cidade de New Orleans, o Sr. Pontellier não se incomodava de deixar Edna em companhia de Robert. O casamento não era perfeito, pois mesmo antes de Edna começar a perceber sua identidade, há certo distanciamento entre o casal: não há no romance uma única cena em que os dois se abraçam, se beijam, demonstram carinho ou até mesmo saem para passear juntos como acontece com Edna e Arobin e, posteriormente com Edna e Robert. Além disso, desde o início do romance, percebe-se que Léonce é frio e ausente da vida de Edna, e esta não aparentava preocupar-se com suas obrigações de esposa e mãe dentro da sociedade *creole*. No entanto, Edna reconhece forçadamente que não conheceu marido melhor, afinal Léonce sempre mandava caixas de doces para ela e para as crianças enquanto viajava a negócios, mesmo que isso fosse um hábito, e um gesto de cavalheirismo, mais até do que carinho e amor para com a esposa.

Como Edna se encontra na maior parte do romance sem a companhia do marido, ela se envolve mais com a sociedade *creole*, em especial Madame Ratignolle e Robert, e percebe que “ela mão é como a ‘mãe-mulher’ aqui em Grand Isle. Este termo que Chopin usa para descrever as mulheres *creoles* é superlativo, e seu conceito é central para o tema do romance” (CAREY, 1998, p. 18; minha tradução livre). Ainda segundo Carey, através desta diferença de Edna com as demais mulheres da Ilha Principal, ela “incentiva” os filhos a serem independentes dela desde pequenos.

A constante presença de Robert faz surgir a paixão entre ambos e eles começam a envolver-se emocionalmente, fato que a faz mudar de comportamento logo após um convite feito por ele para todos darem um mergulho depois de um almoço oferecido por Madame Lebrun, a mãe de Robert. Sabendo que Edna não sabia nadar, ele a incentiva a mergulhar e, obtendo sucesso, ela descobre, pela primeira vez, que é capaz de agir sozinha. Mesmo assim “uma rápida visão de morte acometeu sua alma e por um segundo apavorou e enfraqueceu seus sentidos” (*O despertar*, 2002, p.55). Este sentimento de morte que a acompanhara nada mais era que a representação do medo de perder o “conforto” econômico e social do qual já fazia parte, e tentar encontrar por si mesma. Mesmo assim ela sabe da importância de caminhar com suas próprias pernas e de se tornar mais ousada. Essa reflexão faz Edna pensar ter “... libertado seu espírito de responsabilidade” (*O despertar*, 2002, p.63), ou seja, ela inicia o descobrimento do seu “eu” e percebe que sua subjetividade depende da compreensão do seu lugar no mundo e, principalmente, de seus desejos e da capacidade de ousar e perder o medo de realizá-los.

Como Robert se torna o centro da vida de Edna, já que pela primeira vez ela se sente seduzida e envolvida emocionalmente com um homem, pois isso não aconteceu com seu marido, ela fica cada vez mais próxima dele e procura “descobrir em que este verão particular havia sido diferente de quaisquer outros verões de sua vida. Ela podia apenas perceber que seu ‘eu’- seu ‘eu’ atual- era diferente um pouco de seu outro ‘eu’” (*O despertar*, 2002, p.77). É este envolvimento de Edna com Robert que faz este verão ter um significado diferente para a personagem, pois a partir dele Edna passa a se mostrar revoltada com a forma como vive e deixa seu marido preocupado ao ponto de questionar-se se ela “estava ficando um pouco desequilibrada mentalmente” (*O despertar*, 2002, p.107). Dentro do contexto do século XIX, muitas tentativas de ruptura por parte das mulheres com a ordem vigente era associada à loucura, e para o Sr. Pontellier, esposo de Edna, e para seu pai, Edna sofreu uma “mudança sutil que a transformou da mulher apática que conhecera em um ser, que, no momento, parecia palpitante com as forças da vida” (*O despertar*, 2002, p.130).

Isso significa que ela estava destinada à alienação do mundo, enquanto, aos homens era possível viver, no sentido literal da palavra, e ter liberdade política, social, econômica e psicológica ao mesmo tempo em que deixa explícita a relação de dominação de um gênero sobre o outro onde o homem é sempre o senhor e a mulher é considerada o "outro", ou seja, o ser subordinado.

Apesar de ter sido professor e companheiro de Edna por um bom tempo, Robert percebe que está cada vez mais "preso" a ela e que por isso decide ir morar no México e tentar esquecer a Sra. Pontellier depois de uma franca conversa com a "mulher-mãe", mulher modelo da sociedade *creole*, Madame Ratignolle. Como exemplo de dedicação às regras do patriarcado, Adèle fala a Robert da impossibilidade do romance entre ele e Edna, e Robert viaja. Quando Edna descobre fica triste enquanto ele está no México. Nesse intervalo de tempo, os Pontelliers retornam para a cidade e mais uma vez o Sr. Pontellier viaja a negócios deixando Edna com as crianças. É então que a avó paterna vem pegar as crianças para passearem e Edna fica sozinha em casa sentindo-se como que liberta de uma prisão de modo que "Edna preenche sua solidão com a satisfação que sente dentro de si. Nós sentimos que há uma sensação de recomeço, de um novo despertar" (CAREY, 1998, p. 52; minha tradução livre). Na realidade, a relação de Edna com os filhos se torna cada vez mais distante à medida em que seu processo de despertar acontece. A protagonista vivera em função deles, do marido e da casa, mas em sua crescente percepção do próprio eu, e das suas necessidades individuais, Edna afirma que daria sua vida pelos filhos, mas não negaria a si mesma por eles. As crianças passam gradativamente a serem mostradas como um certo entrave, uma vez que o papel de mãe parece ser, na narrativa, incompatível com o de indivíduo, sobretudo porque representa uma amarra social difícil de romper, mas que Edna consegue.

Enquanto fica sozinha Edna aproveita para ir em busca de notícias de Robert por intermédio de Mademoiselle Reisz – amiga de Robert e uma pianista de vida independente – que de certa forma influencia o novo estilo de vida de Edna. Com o passar do tempo e em uma das visitas ao apartamento de Mademoiselle Reisz, Edna lê uma carta que ele enviara para a amiga e fica com desgosto por ele não ter escrito para ela. Sem saber se Robert voltará do México, Edna começa a apostar em corridas de cavalos mostrando-se totalmente desvinculada das regras patriarcais que regiam a sociedade *creole* da época e também relembra nostalgicamente do curral de cavalos de Kentucky, local onde morava antes de casar-se. É nesse intervalo de tempo que ela envolve-se com Arobin, "o homem jovem da moda". Edna ainda aproveita a oportunidade em que fica sozinha por uns dias - sem a companhia do pai, do marido e dos filhos - para refletir sobre tudo que viveu até o momento. Relembra o prazer

obtido ao descobrir que podia ser independente, e aproveita a oportunidade de estar só e começa a tomar decisões, como por exemplo, mudar-se do casarão onde morava para uma casa menor, sem comunicar o fato ao menos a seu esposo. Há aí uma presença marcante da alteração nas relações de gênero através de uma tomada de consciência de Edna quando ela diz que deseja: "tentar determinar que tipo de mulher que eu sou; pois, sinceramente, eu não sei. Em todos os códigos dos quais eu tenho conhecimento eu sou uma espécime demoníaca e cruel do sexo" (*O despertar*, 2002, p.153). O que será que Edna quis dizer com "espécime demoníaca e cruel do sexo"? Para o sistema patriarcal o simples fato de ter nascido mulher já a tornava um ser submisso ao homem, que veio ao mundo apenas dar a luz. Além disso, a própria condição em que vivia fazia a mulher mesma aceitar a opressão que lhe era imputada cruelmente, e sua morte era condicionada pela sua dependência uma vez deixar de viver para si próprio.

Mas, com o passar de mais alguns dias Robert retorna e os dois se encontram exatamente na casa de Mademoiselle Reisz, conversam muito, passeiam e finalmente declaram seu amor um pelo outro. Neste momento uma espécie de crise de consciência toma conta de Edna, crise esta permeada pelo reconhecimento do amor a Robert, pelo pretense interesse de Arobin, pela preocupação com os filhos e pela consciência da traição ao marido. Diante de tantos acontecimentos, Edna comete suicídio, por ter sido rejeitada por Robert, forma que ela mesma parece encontrar para fugir da repressão da sociedade pelos seus atos negligentes: descobrir-se enquanto mulher, com desejos e emoções, encontrando sua subjetividade e ultrapassar as regras do sistema patriarcal tomando atitudes próprias. Some-se ainda a estas questões o fato da personagem ser uma mulher. O narrador não deixa claro se o suicídio foi planejado ou não, mas fica claro que quando percebe não ter forças para voltar à terra, estando já distante da praia, Edna aceita a morte.

Desde o início do romance Edna era considerada frágil e inferior ao homem, e, acima de tudo submissa. Prova disto é que até o instante em que a personagem tem seu primeiro momento de conscientização do "eu" ela era chamada pelo narrador de Sra. Pontellier, contudo após encontrar-se interiormente, passa a ser chamada apenas de Edna agindo por conta própria chegando a dizer: "Eu não sou mais uma das posses do Sr. Pontellier para ele dispor ou não" (*O despertar*, 2002, p.198), deixando claro que mesmo em uma sociedade patriarcal, havia se libertado da relação de submissão aos homens. Para tanto, o narrador mostra que o despertar de Edna é gradativo: primeiro aprende a nadar com a ajuda de Robert e não do marido; depois quando se encontra deitada na rede na varanda e o Sr. Pontellier a chama para entrar, ela recusa e se impõe para o esposo dizendo "Não fale comigo desse jeito de novo: eu não vou

lhe responder.” (*O despertar*, 2002, p.61), depois quando o marido viaja ela deixa as crianças com a avó e passa a pintar, a sair de casa todos os dias, dá uma festa no casarão como forma de despedida e muda-se do casarão, como já mencionado. A incompatibilidade do desenvolvimento de Edna como pessoa e a relação com o mundo a sua volta é fruto da consciência que a mulher possuía no século XIX, no qual sua submissão e estado de dependência lhes limitavam enquanto gênero. Para Lukács (2000), tal fato é típico da personagem romanesca que mostra-se inconformada com o mundo que deturpa seus desejos e que promove uma inadequação entre o eu interior – que busca sua subjetividade – e o eu exterior – que vive em prol de um sistema no qual o homem consegue ascendência por meio do casamento, e faz da mulher um ser submisso a ele e faz de Edna uma (anti)heroína que desperta e morre através da paixão. Porém, é encontrando a subjetividade que Edna morre no final do romance, pois para a sociedade do século XIX ela não poderia ficar impune depois de ter se revelado entendida de sua condição de existência e enfrentado os dogmas masculinos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAREY, Kay. *Cliffnotes on Chopin's The awakening*. Lincoln: Cliffnotes, 1998.

CHOPIN, Kate. *O despertar*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

LUKACS, George. *A teoria do romance*. São Paulo: Editora 34, 2000.

PINTO, Cristina Ferreira. *O Bildungsroman feminino: quatro exemplos brasileiros*. São Paulo: Perspectiva, 1990.